

## Índice

Dostoiévski e a esperança cristã .....	1
--	---

### Dostoiévski e a esperança cristã

Cumpriram-se em 2021, duzentos anos do nascimento de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (Moscou, 11.11.1821 – São Petersburgo, 9.2.1881). A efeméride constitui uma nova ocasião de entrarmos na vida e obra deste escritor essencial, deste grande pensador metafísico para quem “não se pode viver sem resolver as questões sobre Deus e o diabo, sobre a imortalidade, sobre a liberdade, sobre o mal, sobre o destino do homem e da humanidade” (Nikolai Berdyaev).

Dostoiévski é um autor profundamente cristão, não só pelos valores que descreve e defende, como também pela perspetiva que adota. Se a boa teologia nos ensina que quanto maior é Deus, maior é o homem, ele acrescenta que quanto maior é o homem (e também as suas misérias), maior é Deus (e também a sua misericórdia). Esse despir da natureza paradoxal do ser humano, que constitui a grande descoberta do pensamento cristão em face da elevada sabedoria grega (Charles Moeller), é o que Dostoiévski mostra através de infinitas e sobrepostas páginas cheias de um escuro muito luminoso.

Mais ainda do que um mestre insigne, Dostoiévski pode ser considerado um verdadeiro génio, desses que surgem na história da literatura para nos compreendermos a nós próprios. Se os mestres podem abordar os maiores mistérios do ser humano com clarividência e beleza, só os génios fizeram do mistério a sua fonte e a sua morada: “Tudo é mistério, amigo; em tudo há um mistério de Deus. Em cada árvore, em cada pedaço de relva se encontra esse mesmo mistério codificado” (Mikar, em “O Adolescente”).

### Viver no mistério

Dostoiévski movimenta-se sempre numa atmosfera sobrenatural. Com ele, “sente-se por todo o lado, profunda e poderosa, a presença de Deus, sem que, no entanto, se fale muito d’ Ele; mas Deus está aí presente, eleva-se dentro da atmosfera da obra e domina tudo” (Romano Guardini). Ensina-nos a viver num mundo sacramental, a nos aventurarmos em lugares que por nós mesmos não seríamos capazes de conhecer de modo profundo. Poder-se-ia dizer por conseguinte, que é a vacina perfeita para curar a pior pandemia que existe: “a globalização da indiferença” (Papa Francisco).

Deus existe? Ivan Karamázov lança essa pergunta ao próprio diabo. E cria a tensão e o *pathos* suficiente para que a pergunta ressoe com enorme força, pois a única coisa que Dostoiévski não admite é a frivolidade: “Toda a vida Deus me atormentou”, dirá na boca de Kirillov (“Os Possessos”). E a sua única pretensão será fazer-nos participar desse tormento, sem nunca querer acabar de resolver a dúvida, visto que Deus não é um problema que se possa nem se deva resolver. Deus é o mistério que resolve todos os mistérios e dissolve todos os problemas. E encontrar Deus (com Jesus Cristo), é todo um acontecimento que muda a vida e perante o qual só resta optar com todas as suas consequências.

Desenvolvendo-se num mundo quase místico, Dostoiévski caminha sempre por neve virgem, o que exige uma enorme confiança e audácia por parte dos seus leitores. Como bom ortodoxo, valoriza imenso o mistério da vida. Daí escrever com um estilo e recursos que têm enorme parecença com o *litúrgico*, pois o seu objetivo é mostrar significativamente o mistério de Deus e do homem. Isso pressupõe fundamentalmente três coisas: possuir uma estrutura narrativa; sentir-se parte de um povo

e, evidentemente, contar belas histórias, pois trata-se de vestir com palavras Quem é, por essência, a Máxima Beleza.

## A história da nossa vida

O estilo de Dostoiévski poderia classificar-se de litúrgico, desde logo pelo seu estilo narrativo. Os seus contos são fragmentos da História da Salvação na história de cada um, acontecimentos dinâmicos e transcendentais. Sempre houve escritores que com os seus contos nos ajudaram a compreender a história particular da nossa vida: Homero, Dante, Shakespeare, Tolkien... Ele consegue-o sem esses ares de monumentalidade, trilhando por lúgubres ruas e locais onde mal é possível respirar.

Forma litúrgica significa também que a pessoa que atua, o verdadeiro protagonista, já não será mais um ser individual – individualista –, mas o povo no qual cada pessoa se insere e com o qual participamos constantemente. “Quem não tem povo não tem Deus. Todos os que já não entendem o seu povo e perdem o seu vínculo com ele, perdem igualmente, e em igual medida, a fé paterna, e acabam por ser ateus ou indiferentes” (Shatov, em “Os Possessos”). Dostoiévski é assim uma vacina tanto contra o totalitarismo (evidentemente, também o comunista, que ele desprezava como “uma doutrina de gado”), como contra o individualismo liberal (igualmente esse que se classifica como cristão).

Por último, litúrgico significa também belo, com essa beleza que salva o mundo e que faz com que o mundo seja o rosto adequado de Deus e do que Deus criou, uma beleza que pela sua origem sobrenatural gera receio e abalo, pois “pavoroso é a beleza não só ser terrível, como também algo misterioso. Aí o diabo luta contra Deus e o campo de batalha é... o coração do homem” (Dmitri Karamázov). Só as almas belas podem descobrir e descrever essa beleza de modo adequado, por conaturalidade. Pessoas como o bispo Tikon, como Aliocha, ou como Mikar em “O Adolescente”: “Ergui a testa, lancei o olhar à minha volta e suspirei... Beleza por todo o lado, inefável. Tudo calado, o ar leve; a erva cresce... cresce; erva de Deus”.

Bem se vê que Dostoiévski não é somente um escritor de horizontes amplos como de um olhar profundo. “O meu rumo provém da profundidade do espírito cristão do povo” (“Diário de um Escritor”), desse povo russo que – assim o considerava desde a sua juventude – tem uma missão no mundo que será simultaneamente a da sua própria obra: “Com um completo realismo, encontrar um homem no homem”.

## O enigma do homem

Nos romances de Dostoiévski “tudo gira em redor do enigma do homem” (Berdyayev). Mas interessa-lhe não já o homem em geral, mas somente o homem concreto redimido por Cristo. Concreto, pois rejeita o termo “Humanidade”, com essa carga de humanitarismo que adquiriu essa palavra; e redimido, porque não tem nenhum problema em afirmar e ensinar que apenas Cristo mostra o verdadeiro homem em si: “O ateu que negava a origem divina de Cristo, não negava que Ele é o ideal da humanidade. Esse último é de Renan. É maravilhoso” (“Diário de um Escritor”).

Ajuda-nos a não perder a centralidade de Cristo na mensagem cristã e na imagem de cada pessoa: “Chamam-me psicólogo: é mentira, sou apenas realista num sentido elevado, isto é, represento toda a profundidade da alma humana” (“Diário de um Escritor”). As suas personagens falam-nos sempre e somente do mesmo homem: Cristo. Por isso, todas elas nos deixam uma mensagem muito clara e muito atual: “Qualquer pessoa, seja quem for e por muito humilhada que esteja, exige, ainda que de um modo instintivo e inconsciente, que se respeite a sua dignidade humana... Um tratamento humano pode humanizar, inclusivamente, aquele no qual há algum tempo que empalideceu a imagem de Deus...” (“Recordações da Casa dos Mortos”).

Ao aprofundar a semelhança divina de cada pessoa, e apesar de tanta miséria e sofrimento como transpiram os seus romances, vemos triunfar sempre neles a esperança. Mártir tanto na sua vida como nos seus escritos desse contraste, Dostoiévski sabe ser missionário do verdadeiramente humano, e não tem dúvidas em colocar o leitor à beira do paroxismo para conseguir a sua missão: “Explica-me, se existe modo de explicá-lo – exigiu Raskólnikov quase frenético –, como podem conviver dentro de ti tanto opróbrio e tanta velhacaria com outros sentimentos opostos e santos. Mais justo, mil vezes mais justo e sensato, seria atirar-se de cabeça para a água e acabar de uma vez” (“Crime e Castigo”).

Esse *homo absconditus* (Deus escondido em nós) é quem Dostoiévski conhece na perfeição e traz à luz para lhe devolver a sua grandeza e o seu lugar no mundo; a obrigação da santidade: “Quem saiba o que significa a palavra santidade, ou seja, uma existência vivida na fé incondicional, compreenderá que o povo concebido por Dostoiévski caminha para a santidade” (Guardini).

## O drama do ateísmo

“Se Deus não existe”... Vejamos sem medo – diz-nos – as consequências trágicas que trará consigo pensar assim. “Segundo a minha opinião, não é necessário destruir absolutamente nada. Basta apenas cancelar na humanidade a ideia de Deus. Por aqui se deve começar – diz o diabo a Ivan Karamázov. Cairá a moral, já não haverá nada imoral, tudo será lícito, mesmo a antropofagia, o delito deixará de ser loucura e ganhará um bom sentido... será quase um dever; o egoísmo até ao delito será considerado o mais razoável e nobre”.

Um mundo sem alívio, sem transcendência... um suposto humanismo ateu (Henri de Lubac), acaba sempre na destruição da própria humanidade, por mais que se vista de humanitarismo: “A falta de Deus não se pode substituir pelo amor da humanidade, porque o homem perguntaria logo: Por que devo amar a humanidade?” (“Diário de um Escritor”).

Muitas das suas personagens enfrentam esse drama que consiste em pretender mostrar a coerência de uma vida injustificável, que só pode caminhar defendendo – sem nunca conseguir argumentar nem mostrar – que Deus não existe, que a consciência é uma invenção religiosa, que há seres humanos de primeira e segunda categoria... E os que perseveram até ao final, agarrados a essas crenças, acabam seja na loucura, seja no suicídio... e sempre no vazio. Mas todos têm na mão a carta da esperança que nem sequer nesses últimos momentos quiseram tirar para ganhar a partida, a Grande Esperança: “Tens de acreditar que Deus te quer como nem podes imaginar, quer-te com o teu pecado e no teu pecado” (*stárets* Zózimo, em “Os Irmãos Karamázov”).

## A paixão de viver

“Quem sabe se, talvez, o objetivo que a humanidade visa, não consista nesse impulso ininterrupto para um fim, por outras palavras, viver a própria vida, mais do que o fim verdadeiro, que evidentemente deve ser uma fórmula imutável do tipo de dois e dois serem quatro?”. Estas impressionantes palavras dos seus “Cadernos do Subterrâneo” confirmam a paixão em viver que dominou sempre a sua alma. Essa será de imediato a chave do arco de “Os Irmãos Karamázov”: devemos amar a vida antes que o sentido da vida, pois amar a vida vai-nos revelar o sentido que ela tem. E conclui assim o romance: “Queridos amigos, não tenham medo da vida! Que bela é a vida quando se faz algo belo e justo!”. Esse viver imparável para Deus que ele defende, tem sinteticamente três passos: dor, consciência, liberdade.

Dor não entendida como um problema mas, graças a Cristo, novamente como mistério que resolve os problemas: “Por um

grande mistério da vida humana, uma grande dor transforma-se pouco a pouco numa calma e terna alegria”, diz o *stárets* Zózimo, entregando em seguida como herança a Aliocha a paradoxal advertência de saber procurar a felicidade na dor. O mesmo conselho que Sônia a prostituta dá a Ródia o assassino: “Aceita a dor; é isso que tens de fazer e assim irás salvar-te... Verão logo que vou carregar também a tua cruz e então rezaremos e caminharemos juntos” (“Crime e Castigo”).

Para se poder enfrentar assim o sofrimento, é indispensável uma consciência que ligue diretamente com Deus, pois “se Deus não existe tudo é permitido”... Até onde pode chegar uma consciência sem Deus? “Uma consciência sem Deus é algo espantoso, pode perder-se até à maior imoralidade” (“Diário de um Escritor”). Bem ancorado na sua fé, Dostoiévski acompanha-nos a percorrer esses limites do ser humano, essas paragens tão sinistras que não tem dúvidas em narrar com clarividência e – porque não dizê-lo – com uma certa arrogância. “Em toda a minha vida não fiz outra coisa a não ser ultrapassar os limites, sempre e em toda a parte” (“Diário de um Escritor”).

Mas para trilhar o sofrimento com um coração sábio não há outra coisa a fazer a não ser viver em liberdade. Este é sem dúvida o grande tema central da sua obra e que aparece com todas as suas consequências, com o seu risco e a sua grandeza. Ler Dostoiévski ajuda a compreender que o amor, Deus, nunca dá ninguém por perdido. Paradoxalmente, “o ateu absoluto encontra-se no penúltimo degrau para chegar à fé absoluta”, dirá o bispo Tikon. É muito significativo o gesto do *stárets* Zózimo a cair de joelhos diante de Dmitri Karamázov... O homem velho anuncia o homem novo. Onde outros apenas veem noites fechadas, ele intui a luz do amanhecer.

## Liberdade de Deus e liberdade do homem

Dostoiévski não põe limites na descrição de todas as possíveis doenças de uma liberdade não bem orientada para Deus: a liberdade indefinida e vazia é a liberdade de Stavroguin e de Versilov; a liberdade de Svidrigáilov e de Fiódor Pavlóvitch Karamázov corrompe a pessoa; a liberdade de Raskólnikov e de Piotr Verjovenski leva ao crime; a liberdade demoníaca de Kirillov leva o homem à perdição... Toda a liberdade entendida como arbitrariedade se destrói a si mesma.

Será no seu “O Grande Inquisidor” que tratará o tema da liberdade com toda a sua radicalidade, servindo-se de um simbólico julgamento de Cristo por parte do mais alto representante da Igreja, competente para julgar as blasfémias. O Inquisidor apresenta as acusações contra o próprio Cristo com enorme e impiedosa crueldade: “Tu quiseste o amor livre do homem, quiseste que te seguisse livremente, enamorado e conquistado por ti... Em vez de princípios seguros para tranquilizar a consciência humana de uma vez para sempre, tu escolheste o mais problemático que se possa imaginar. Multi-

plicaste a liberdade humana e assim oprimiste para sempre com o peso dos seus tormentos o reino espiritual do homem”.

Sobre esta sentença de culpabilidade emergem as perguntas de fundo: Será a mensagem de Cristo uma utopia? Não deveria ser mil vezes sacrificado esse amor irreal, exercido com pretensa liberdade, no altar da paz alcançável e harmónica?... Não será isso por acaso o que teria feito a Igreja na História, pervertendo assim a mensagem original de Cristo? Como vemos, estas questões são de enorme atualidade para os cristãos de hoje ou para os que, cristãos ou não, veem a Igreja sem um sentido sobrenatural, sem o seu carácter de mistério. E, em geral, para os que suspeitam de Deus e das suas obras.

A conclusão de Dostoiévski será a que nos vai transmitir sempre ao longo da sua vida e de todas as suas obras. Ele está disposto a ficar antes com um Cristo que ame e ofereça essa liberdade de espírito, do que com outro que nos garantisse a paz e a verdade, mas sem aquela liberdade. Dostoiévski sabe bem por experiência própria e alheia que a graça (Deus) somente se move no terreno da liberdade. Antes que ser uma carga, a verdadeira liberdade é sempre caminho, e o único caminho é Cristo.

A. S. N.